

Ordem do Dia

Rubem Braga

ESCREVI ontem sobre a aplicação dos depósitos das Caixas Econômicas Federais, que juntam o dinheiro de muitos pobres para emprestar a alguns ricos. A verdade é que o espírito que tem orientado as Caixas Econômicas Federais é mais propriamente bancário do que público. Sem dúvida os diretores dessas Caixas têm altas responsabilidades, e precisam aplicar o dinheiro que recebem com segurança. Ninguém é contra isso. Mas eles não devem esquecer de que não são banqueiros. São homens colocados à frente de institutos que têm uma função social ampla e importantíssima, muito superior à função de dar lucros.

Conheço alguns desses homens — a começar pelo ilustre dr. Carlos Luz — e sei que muitos deles compreendem perfeitamente a natureza e a finalidade das Caixas. A verdade, porém, é que, ou pela força da inércia, ou devido a resistências que nunca faltam quando se trata de fazer alguma coisa realmente em benefício da coletividade, nossas Caixas Econômicas Federais prestam ao povo benefícios muito menores do que aqueles que podiam e deviam prestar.

Quero citar hoje um detalhe para mostrar que mentalidade de teia de aranha ainda predomina nesse assunto. Quando uma família pobre está precisando de dinheiro, e não tem joias nem valores, o remédio que vê é pegar a máquina de costura e levar para o Monte de Socorro. O Monte de Socorro empresta algum dinheiro (em geral muito menos do que seria lícito esperar, pois os avaliadores sofrem do horror à responsabilidade) e guarda a máquina. Para que? Não seria muito mais sensato que a máquina, embora penhorada, continuasse na casa da família pobre? Muitas vezes ela faz falta ali, na cozinha humilde — e muitas vezes faz uma falta enorme, quando se trata de uma senhora que “cose para fora”. Retendo a máquina, a Caixa, nesses casos, torna mais difícil, quando não impossível à família conseguir o dinheiro para levantar o penhor.

Todo mundo sabe que uma máquina tem um número. Em outros países do mundo o que a Caixa faz é isso: manda ver a máquina, avalia quanto pode emprestar sobre ela, toma nota do número, e está feita a penhora. A máquina fica onde estava, no lar necessitado, continuando a prestar serviços. Ninguém tem máquina de costura por luxo.

Já vejo daqui o sr. Burocrata a torcer o nariz e perguntar que prejuízo a Caixa não terá com esse sistema. A experiência de outros países tem demonstrado que os casos em que a Caixa é prejudicada ou ludibriada são mínimos — formam um número realmente ridículo na grande massa dos empréstimos. A simples economia de espaço que a Caixa faz não tendo de guardar as máquinas compensa amplamente isso.

As famílias brasileiras não são menos honestas que as outras famílias do mundo. Estou certo de que os diretores da Caixa Econômica também pensam assim. O que falta é dar um chute no comodismo, confiar no povo, aproximar-se dele, ajudá-lo. Ele sabe sentir e julgar as coisas: só se queixam dele os que na verdade não merecem a sua confiança. Estude-se o que se fez nos outros países e faça-se uma experiência aqui. Não tenham medo de “novidades”. E quem tiver medo de “novidades” que morra; pois na verdade estão chegando os tempos novos.